

A produção de calçados do Rio Grande do Sul no cenário internacional: conjuntura recente

*Luís Abel Silva Filho**

Resumo: o processo de reestruturação e o avanço da globalização dos mercados de produtos e serviços orientaram os padrões de produção industrial, em âmbito global. Manter-se em um mercado competitivo foi desafio ingente à indústria calçadista brasileira. Diante disso, este artigo analisa a competitividade da indústria de calçados do Rio Grande do Sul, tradicional polo calçadista do país. Para tanto, recorre-se aos dados do Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior via Internet (ALICE-WEB) da Secretaria do Comércio Exterior (SECEX) do Ministério do Desenvolvimento, Industrial e Comércio (MDIC), no recorte temporal de 1997 a 2012. Metodologicamente, recorre-se a uma revisão de literatura e a análise empírica do crescimento das exportações do estado e em seguida, constroem-se indicadores de Vantagem Relativa nas Exportações (VRE) e Competitividade Revelada (CR). Os principais resultados mostram que o Rio Grande do Sul reduz sua participação relativa na receita com exportações de calçados e mesmo apresentando VRE ao longo dos anos analisados, ela vem se reduzindo. Já a CR mostra elevar-se no estado, já que se reduzem as importações de calçados ao longo dos anos, pelo fato de grande parte da produção ser destinada à demanda doméstica.

Palavras-chave: competitividade, exportações de calçados, Rio Grande do Sul.

Classificação JEL: F; F2; F23.

* Professor do Departamento de Economia da Universidade Regional do Cariri - URCA e Coordenador Adjunto do Curso de Especialização gratuita em Desenvolvimento Regional. Graduado em Ciências Econômicas pela Universidade Regional do Cariri - URCA e em Letras pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI. Possui Especialização em Ensino da Língua Portuguesa pela URCA e em Gestão em Educação pela Faculdade Leão Sampaio. É Mestre em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, e também pesquisador do Observatório das Metrôpoles, Linha II, Núcleo da UFRN. Desenvolve pesquisas em Economia do Trabalho, Economia Regional, Agrícola e Economia do Setor Público.

1 Considerações Iniciais

As transformações no cenário econômico brasileiro dos anos de 1990 foram responsáveis pelo processo acentuado de reestruturação produtiva na indústria nacional, sobretudo no setor calçadista e têxtil (Francischini e Azevedo, 2003a; 2003B; Kon e Coan, 2005). A abertura econômica e financeira vivenciada no final dos anos de 1980 e aprofundada na década de 1990, acoplada à entronização do Real e a valorização da moeda nacional, em 1994, proporcionaram elevado desajuste no mercado de produtos, sobretudo naqueles que dependiam da política econômica doméstica para garantia de parcela de mercado nacional e/ou internacional (Cardoso, 2007; Silva Filho e Queiroz, 2011).

Reformas basilares no sistema de produção e organização estrutural da indústria fizeram-se necessárias, principalmente em setores que se encontravam obsoletos. Diante disso, o parque industrial brasileiro passou por transformações acentuadas no processo de produção, visando a redução de custos, sobretudo, e, com isso, melhorar sua performance no mercado internacional. As ações desse processo tiveram que ser intensificada, diante do avanço das ações neoliberais que se proliferaram nas economias subdesenvolvidas.

Setores que foram protegidos por barreiras alfandegárias durante décadas, necessitaram reestruturar-se para manterem-se no mercado doméstico, bem como tornarem-se competitivos no mercado internacional. Segmentos industriais inteiros tiveram que adotar novos padrões de produção, como também ampliar suas plantas produtivas além das regiões Sudeste e Sul e localizarem-se nas regiões mais próximas dos mercados consumidores internacionais (Melo *et al.*, 2007).

Com isso, a indústria calçadista e têxtil foi sobremaneira afetada com a abertura econômica nacional, e necessitaram passar por intenso processo de inovações tecnológicas e aproximação dos principais mercados consumidores (Kon e Coan 2004; Silva Filho e Paiva, 2008). Destarte, a desconcentração do parque industrial calçadista em São Paulo e no Rio Grande do Sul, principais produtores nacionais, deu impulso à ampliação do parque industrial calçadista do Nordeste. Como efeito, a pauta de exportação do produto nesses estados passou por modificações consideráveis ao longo dos anos, onde o principal efeito se deu com a redução relativa da participação Gaúcha na receita brasileira com exportações de calçados ao longo dos anos.

As exportações brasileiras de calçados, afetadas nos anos de 1990, pelos problemas já citados, ganhou nova dimensão no processo de inserção internacional. Além disso, o avanço da produção e exportação calçadista asiática e chinesa (Bimbatti, 2007; Silva Filho e Paiva, 2008) tornaram-se ameaça aos principais países concorrentes do setor. Nessa perspectiva, elevar a receita de exportação dependia tanto da elevação da quantidade quanto da qualidade do produto vendido.

Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar as exportações de calçados do Rio Grande do Sul e observar os indicadores de Vantagem Relativa nas Exportações (VRE) e Competitividade Revelada (CR). Para tanto, utilizam-

se dados do Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior via Internet (ALICE-WEB) da Secretaria do Comércio Exterior (SECEX), obtidos através do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC). O recorte temporal compreende os anos de 1997-2012. O estado foi selecionado pelo fato de possuir grande tradição na produção e no comércio de calçados ao longo dos anos, sendo ele responsável por grande parte da receita brasileira de exportação do produto.

Para atingir o objetivo proposto pelo estudo, o artigo está assim estruturado: além dessas considerações iniciais, a segunda seção faz uma revisão de literatura acerca do processo de reestruturação produtiva da indústria com ênfase no segmento calçadista; na terceira seção, discorre-se ao crescimento das exportações brasileiras e Gaúcha entre 1998 e 2012; na quarta seção, apresentam-se as taxas de crescimento das exportações brasileiras e gaúchas de calçados; em seguida, na quinta seção, apresentam-se alguns procedimentos metodológicos necessários à abordagem empírica; na sexta seção, têm-se os indicadores de vantagens relativas e competitividade revelada das exportações de calçados do Rio Grande do Sul; e, por último, na sétima seção, tecem-se algumas considerações finais.

2 Considerações sobre a reestruturação produtiva brasileira e a indústria de calçados

O início dos anos de 1990 foi marcado por transformações macroeconômicas acentuadamente elevadas no Brasil e no mundo (Baltar, 2003; Dedecca, 2003). As novas configurações da produção e do trabalho, pautadas em pressupostos neoliberais, tiveram grande repercussão, sobretudo nas regiões menos desenvolvidas, a exemplo da América Latina. Essa conjuntura foi condicionada a um forte processo de ajuste em todos os setores de atividade econômica, com o fito de redução de custos, qualidade dos produtos e produção em escopo e escala para competir internacionalmente.

Essas configurações marcaram a década de 1990 com forte intensificação tecnológica ocasionando elevada dinamização das estruturas produtivas. Setores trabalho/intensivo adaptaram-se a modelos capital/intensivo e parcela do trabalho foi acentuadamente afetada (Alves e Braga Filho, 2005; Kon e Coan, 2005). Os novos padrões de produção, em escala global, demandavam redução de custos e ganhos de escala em dimensões nunca vistas. Isso era resultado, sobretudo, do acentuado avanço dos mercados e da forte entronização de produtos e serviços em mercados secularmente protegidos pelas ações do Estado (Navarro, 1998; Cícero, 2011).

Com o avanço dos capitais produtivos e dos produtos finais pelo mundo, a principal consequência aos países subdesenvolvidos foi a perda de mercado tanto doméstico quanto estrangeiros, além de significativas adaptações das estruturas produtivas aos padrões de concorrência no mercado internacional. Isso se deu, principalmente, com mudanças de padrões de produção e com intensificação da

base tecnológica industrial, além do forte processo de realocação espacial das atividades produtivas (Melo *et al*, 2007).

Nas economias que contaram com modelos de industrialização pautados na proteção excessivamente elevada, os impactos da abertura econômica e do avanço dos mercados foram sobremaneira acentuados. Setores tradicionais da indústria de transformação tiveram que adaptarem-se aos novos padrões de concorrência internacional em um mercado ameaçado pela concorrência externa com intensidade tecnológica nunca vista em todo o mundo (Kon e Coan, 2005).

Segmentos como calçadista e têxtil, no Brasil, foram afetados em toda a cadeia produtiva. Daí a necessidade de aproximação dos mercados, pela logística operacional, além da entronização da produção aos *moldes* internacionais. Nesse processo, a configuração tanto tecnológica e operacional quanto locacional foram acontecimentos ingentes assistidos na indústria de transformação brasileira, sobretudo naquela mais tradicional (Kon e Coan, 2005; Melo *et Al*, 2007; Silva Filho e Queiroz, 2011).

No que pertence à localização das atividades produtivas, muitas migraram para o Nordeste em busca de incentivos fiscais e mão de obra barata, além de aproximação de mercados consumidores internacionais (Diniz e Basques, 2004). Nessa conjuntura de competitividade global acentuada, a aproximação dos mercados consumidores teve grande impacto na logística empresarial, principalmente de produtos de baixo valor agregado e de forte concorrência externa.

A indústria calçadista foi ampliando sua estrutura produtiva na região, implementando, principalmente, a produção de calçados em sintético e plástico (Queiroz e Costa Junior, 2008). Destarte, assistiu-se à elevação de unidades fabris do setor na região, tendo como destino principal os estados do Ceará, maior produtor regional e segundo do país, Bahia, Paraíba e Sergipe (Lages, 2003). Isso se deu, sobretudo, pela expansão de unidades produtivas das regiões Sudeste e Sul, principalmente dos estados de São Paulo e Rio Grande do Sul, para essa região (Alves *et al*, 2006).

Com isso, assistiu-se a novas configurações nos padrões concorrenciais da indústria calçadista brasileira e novos mercados produtores apresentaram-se competitivos no mercado internacional de calçados, graças à aproximação do maior mercado consumidor do calçado brasileiro: Estados Unidos (Silva Filho e Paiva, 2008; Godinho Filho *et Al*, 2009). Isso implicou, sobretudo, na dinâmica concorrencial dos estados brasileiro na produção e exportação de calçados, sem, contudo, destituir as unidades inicialmente dominantes – Rio Grande do Sul e São Paulo.

Com isso, a seção que se segue abordará algumas considerações acerca do comércio internacional e Gaúcho, para em seguida apresentar a dinâmica do crescimento das exportações de calçados brasileira e gaúcha nos anos selecionados.

3 Considerações sobre o comércio internacional brasileiro e gaúcho

A economia brasileira dos anos de 1990 é reconhecida na literatura econômica pelo baixo dinamismo e pela forte redução da participação do país no comércio internacional. Vários são os motivos que resultaram nas taxas de crescimento negativas das exportações do país para o resto do mundo. Dentre eles, destacam-se: a abertura econômica nacional, a implementação do Real e a valorização da moeda brasileira, em meados dos anos de 1990, como ainda, a baixa dinâmica da produção brasileira no comércio internacional, diante da pouca competitividade apresentada pelos produtos do país (Silvestrin e Trinches, 2008; Guidolin *et al.*, 2010).

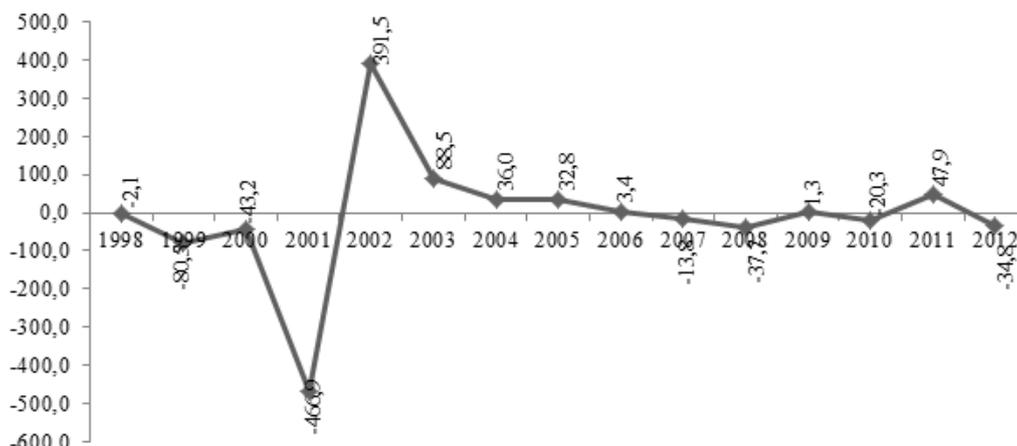
Entre os fatores citados, o processo de abertura econômica brasileira, sob a orientação das ações neoliberais, foram, sem dúvida, um dos fatores que mais impactaram na balança comercial do país. No início do processo de abertura econômica, tinha-se uma indústria com proteção excessiva de barreiras alfandegárias, sobretudo, que se beneficiava da proteção do mercado nacional, sob a égide do Programa de Substituição de Importações (PSI).

Com o advento da globalização dos mercados e da entronização das ideias neoliberais no Brasil, assistiu-se à forte ruptura do modelo de proteção industrial brasileira e o avanço das ações do mercado foi acentuadamente elevado. Nesse contexto, os anos de 1990 foram marcados pela maior dificuldade de ingresso da produção nacional no comércio internacional, de produtos manufaturados e *commodities*, principalmente (Silva Filho e Queiroz, 2011).

Conforme os dados do gráfico 01, as taxas de crescimento das exportações brasileiras mostraram-se negativas entre 1998 e 2001. A crise energética de 2001, somada aos ataques terroristas nos Estados Unidos da América, além da crise argentina, corroboraram acentuadamente à redução das taxas de crescimento das exportações do país (Cintra, 2005; Remy *et al.*, 2011). Nesse ano, teve-se decréscimo das exportações registrando-se a maior taxa da série. Esse resultado ratifica, sobretudo, a vulnerabilidade da balança comercial brasileira a choques exógenos no mercado internacional. Além disso, dar ênfase as restritas relações de mercados do país a poucos parceiros internacionais.

A recuperação no crescimento das exportações do país ocorreu a partir de 2002, com a maior taxa entre os anos selecionados, e foi tendencialmente reduzindo-se, mesmo positivas até 2006. Em 2007 e 2008, os impactos da crise econômica internacional podem ter motivado à redução do crescimento das exportações do país. Mesmo que os impactos da crise economia tenham se mostrando presentes no Brasil, somente a partir do último trimestre de 2008, eles foram perceptíveis na redução das exportações de produtos de origem industrial, além de *commodities*, desde o ano de 2007.

Gráfico 01: taxa de crescimento das exportações brasileiras (US\$) (1997=100) entre 1998-2012.

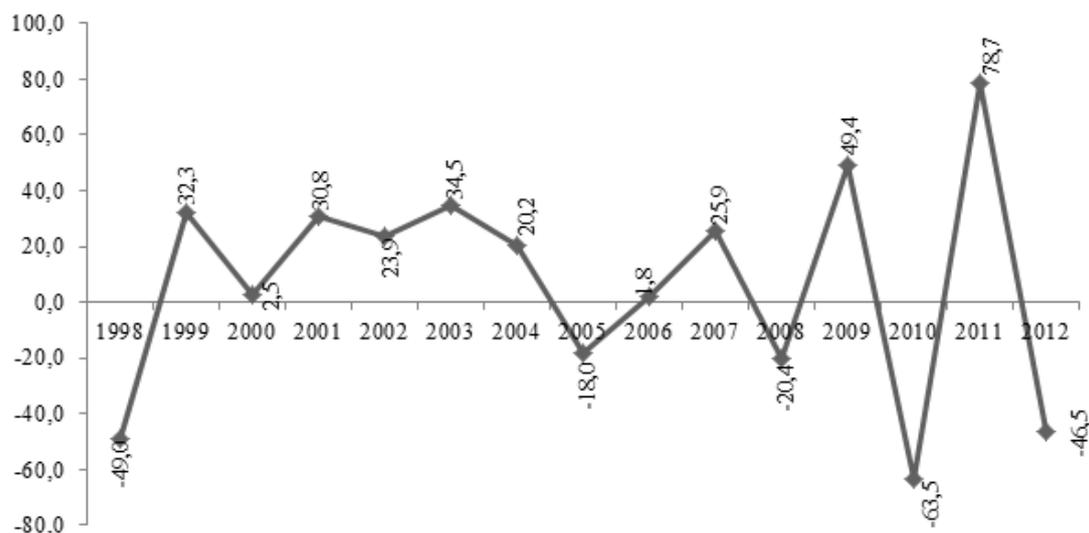


Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados do MDIC, 2013.

A recuperação ocorre em 2009, porém, já mostrou crescimento negativo em 2010 volta a crescer em 2011 e decresce em 2012. Esse movimento cíclico nas taxas de crescimento das exportações brasileiras está relacionado às oscilações de mercado a partir da crise de 2008. Embora o *quantum* das exportações tenham se elevado, mas as taxas de crescimento mostraram movimento bastante cíclico no período, o que denota instabilidade na tendência das exportações.

Em relação às taxas de crescimento das exportações Gaúchas, observam-se forte movimento cíclico ao longo da série estabelecida. Nesse estado, o ano de 1998 mostrou taxa de crescimento negativa nas exportações, recuperando-se em 1999. Até 2004 registraram-se taxas de crescimento positivas e, em 2005, tem-se decréscimo nas exportações do estado, sendo contrária ao desempenho das exportações brasileiras naquele ano, conforme observado em Cintra (2005).

Gráfico 02: taxa de crescimento das exportações do Rio Grande do Sul (1997=100) entre 1998-2012.



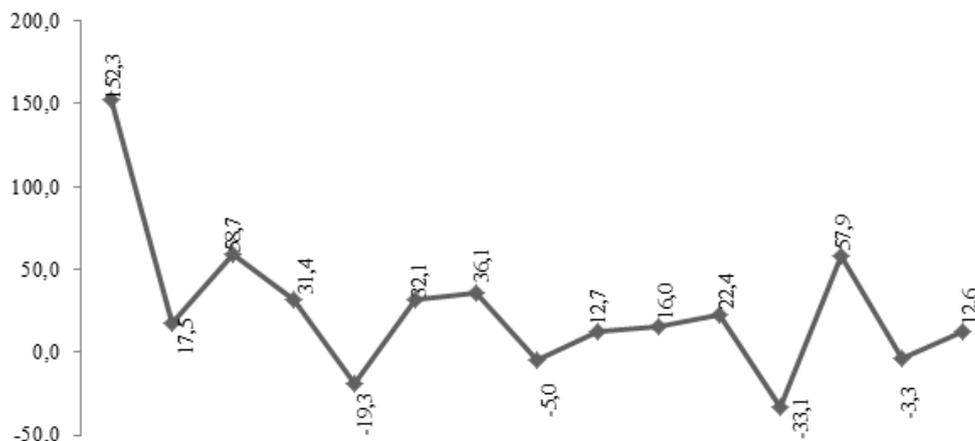
Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados do MDIC, 2013.

No Rio Grande do Sul, é possível perceber que a dinâmica cíclica foi bastante acentuada a partir de 2006. Taxas de crescimento ora positivas, ora negativas acentuadamente altas marcaram a trajetória das exportações Gaúchas nesses últimos anos. Em 2008, a taxa de crescimento foi afetada mostrando-se recuperação em 2009. Em 2010 registra-se decréscimo e, em seguida, em 2011, crescimento significativo das exportações. Porém, em 2012, último ano da série, tem-se decréscimo das taxas de exportações do estado.

4 Crescimento das exportações de calçados do Brasil e do Rio Grande do Sul

No que se refere às taxas de crescimento das exportações da indústria calçadista brasileira, no gráfico 03, é possível observar comportamento cíclico acentuado. A maior taxa de crescimento das exportações foi constatada em 1998, com redução acentuada já no ano seguinte. Ao longo da série, é factível destacar que somente nos anos de 2002, 2005, 2009 e 2011, o setor apresentou decréscimo nas exportações. Nos demais anos, registraram-se crescimento, mesmo que pífio em alguns dos anos.

Gráfico 03: taxa de crescimento das exportações de calçados brasileira (1997=100) entre 1998-2012

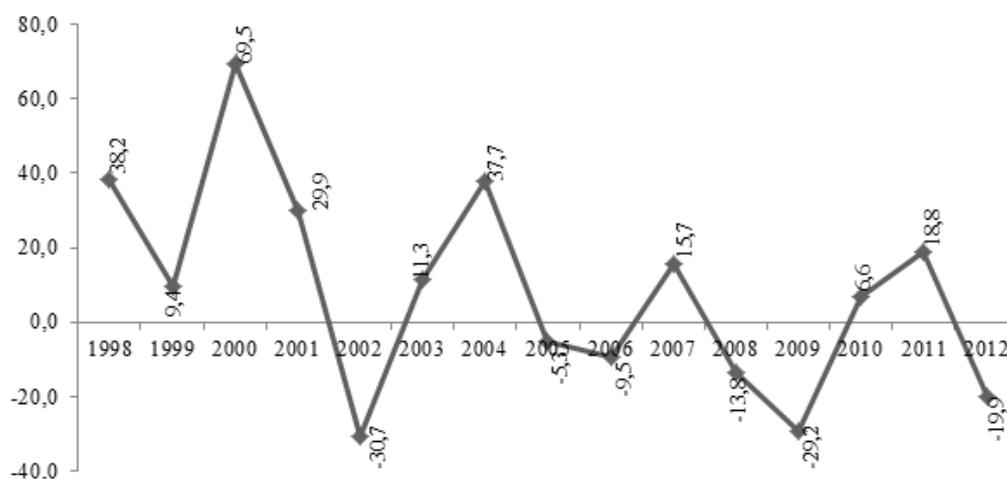


Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados do MDIC, 2013.

É necessário enfatizar que as exportações brasileiras de calçados tem ganhado destaque ao a partir do final dos anos de 1990 e ao longo dos anos 2000 (Francischini e Azevedo, 2003; Guidolin *et Al*, 2010; Silvestrin e Trinches, 2008). A reestruturação produtiva nacional possibilitou reposicionamento das plantas industriais no território brasileiro e, com isso, facilitou a aproximação da indústria de calçados aos principais mercados consumidores do país (Melo et al, 2007; Silva Filho e Paiva, 2008). Diante disso, estados do Nordeste, sobretudo Ceará, Paraíba, e Bahia (Silva Filho e Paiva, 2008; Queiroz e Costa Junior, 2008) elevaram suas exportações do produto permitindo crescimento significativo das exportações brasileiras.

No que se refere às taxas de crescimento das exportações de calçados do Rio Grande do Sul, os dados do gráfico 04, mostram, que, o movimento cíclico foi mais intenso. Isso implica que as oscilações no mercado internacional do produto apresentaram impactos mais acentuados nas exportações do produto de origem Gaúcha, em detrimento dos demais estados. O maior valor/produto do calçado desse estado pode justificar as oscilações mais acentuadas, dado que produtos de maior valor agregado podem ser mais afetados, tanto pela política cambial quanto pela redução dos indicadores econômicos do resto do mundo, como ainda a forte entronização de países concorrentes nos mesmos segmentos de fabricação.

Gráfico 04: taxa de crescimento das exportações de calçados do Rio Grande do Sul (1997=100) entre 1998-2012.



Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados do MDIC, 2013.

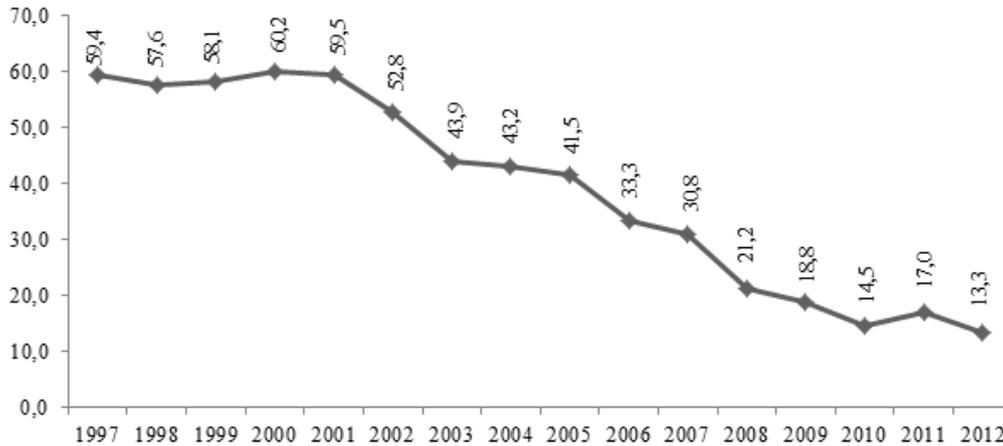
De acordo com as taxas de crescimento plotadas no gráfico 04, seis, entre os anos estabelecidos na série, mostraram decréscimo das exportações Gaúchas de calçados. Além das taxas de decréscimo ser significativamente superiores à observada no Brasil (ver gráfico 03) em âmbito nacional registrou-se decréscimo em apenas quatro anos. Além disso, coincidiram apenas os anos de 2002, 2005 e 2009.

No gráfico 05, é possível observar a dimensão que tomou a indústria calçadista gaúcha ao longo dos anos. De 1997 a 2002, mais de 50,0% da receita com exportações de calçados brasileiras era advinda das vendas do Rio Grande do Sul. Essa cifra reduziu-se acentuadamente ao longo dos anos, conforme pode ser observado. Tais resultados ratificam que a reestruturação da indústria de calçados ocorreu via redistribuição espacial da atividade, e, com isso, o estado do Rio Grande do Sul perdeu participação relativa da receita gerada com as exportações do produto.

Esse estado, que chegou a responder por 60,2% da receita brasileira com exportações de calçados no ano 2000, perde participação significativa ao longo dos anos. Isso mostra que o Rio Grande do Sul, mesmo como o maior exportador, passa a ceder espaço para estados emergentes na exportação do

produto. Diante do baixo valor agregado dessa manufatura, aproximar-se dos mercados consumidores garante ao país maior capacidade competitiva no mercado internacional. Isso, em parte, justifica a perda de participação relativa desse estado na geração de receitas.

Gráfico 05: participação relativa das exportações de calçados do Rio Grande do Sul nas exportações de calçados brasileiras – 1997-2012.



Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados do MDIC, 2013.

Ao longo dos anos 2000, a trajetória descendente do Rio Grande do Sul na capacidade relativa de geração de receitas com exportações de calçados mostram-se reduzir. De uma situação de elevada concentração de receita com a exportação do produto ainda nos anos de 1990, a produção Gaúcha recua sua participação relativa à apenas 13,3% das receitas no ano de 2012. Isso revela, principalmente, a reposição espacial da indústria de calçados e a busca do setor em aproximar-se dos mercados consumidores internacionais.

Nesse contexto, a seção que se segue traça alguns procedimentos metodológicos com o fim de justificar a perda relativa da participação Gaúcha na comercialização internacional de calçados, assistida ao longo dos anos.

5 Considerações Metodológicas

A competitividade, neste artigo, é abordada como a variação da participação do país, estado ou região no comércio internacional de produtos. Trabalhos pioneiros como o de Balassa (1965) orientou investigações acerca da vantagem relativa nas exportações de um país na exportação de um produto, através de informações sobre sua capacidade de comercializar internacionalmente ao longo dos anos. Posteriormente, Vollrath (1989) acrescentou à análise, a competitividade revelada. Ela, além de considerar as exportações, reconhece as importações para avaliar a hipótese testada.

Apoiando-se nesses pressupostos, este artigo busca analisar a vantagem relativa nas exportações e a competitividade revelada do estado do Rio Grande do Sul, na comercialização de calçados. A escolha do estado se deu pelo fato de ser ele o maior gerador de receitas com a exportação do produto, entre os estados

brasileiros e gradativamente assistir se a redução do seu poder de mercado no setor. O recorte temporal compreende os anos de 1997 a 2012.

Para a construção do indicador de vantagem relativa nas exportações faz-se necessário informações acerca das exportações, do produto e do país ou região. A partir daí, utiliza-se da seguinte expressão:

$$IVRE_{ki} = \ln \left[\frac{\left(\frac{X_{ki}}{X_{kr}} \right)}{\left(\frac{X_{mi}}{X_{mr}} \right)} \right] \quad (1)$$

O resultado algébrico dessa expressão corrobora a hipótese de vantagem relativa nas exportações de um produto por um determinado país ou região. Com isso, tem-se que:

X = Exportações

k = Produto;

i = País ou região;

m = Ao agregado de todos os produtos (-) k produto;

r = Ao conjunto de todos os países ou regiões (-) o país ou região i

A interpretação do índice orienta que: se $IVRE = 0$, tem-se que as exportações do produto k no total das X do país ou região i , corresponde ao mesmo observado nos demais países ou regiões, o que atribui à neutralidade do país. Com isso, tem-se que ele nem apresenta vantagem nem desvantagem na X de k . Caso tenha-se $IVRE > 0$ o país ou região i registra vantagem na X de k . Porém, se $IVRE < 0$, tem-se o caso contrário (BALASSA, 1965).

Em relação à competitividade revelada, acrescentam-se todas as informações acerca das relações comerciais entre o país ou região. Desta feita, têm-se informações tanto relativas às exportações quanto as importações para o cálculo do índice. O índice leva em consideração tanto as exportações do produto quanto as suas importações. O índice é calculado da forma que se segue:

$$ICR_{ki} = \ln \left[\frac{\left(\frac{X_{ki}}{X_{kr}} \right)}{\left(\frac{X_{mi}}{X_{mr}} \right)} \middle/ \frac{\left(\frac{M_{ki}}{M_{kr}} \right)}{\left(\frac{M_{mi}}{M_{mr}} \right)} \right] \quad (2)$$

M = Importações;

k = Produto;

i = País ou região;

m = Agregado de todos os produtos (-) k produto;

r = Conjunto de todos os países ou regiões (-) o país ou região i

A partir dos resultados, tem-se que: se $ICR = 0$, tem-se neutralidade do país ou região i na X de k ; com $ICR > 0$, o país ou região i apresenta vantagem

comparativa no comércio do produto k ; e, se $ICR < 0$, tem-se o caso contrário (Vollrath, 1989).

6 Resultados e discussões

O índice de vantagens relativas nas exportações de calçados do Rio Grande do Sul revela bom desempenho do estado na comercialização internacional do produto que compreende os anos de 1997 a 2000, sendo esse último o de melhor desempenho. Diversificação da pauta de exportação do estado, bem como transformações da dinâmica comercial do produto, dando origem a outros produtores e exportadores potenciais, pode justificar a perda de vantagem relativa do estado ao longo dos anos.

Gráfico 06: índice de vantagem relativa na exportação de calçados do estado do Rio Grande do Sul – 1997-2012.



Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados do MDIC, 2013.

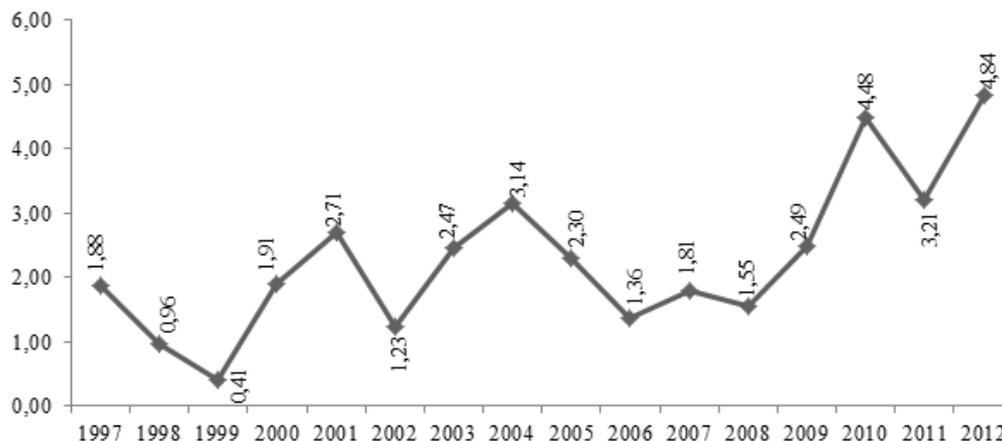
A partir de 2001, a produção gaúcha de calçados passa a perder relativamente participação na comercialização do produto no mercado internacional. Em 2005 registra-se uma leve recuperação do índice do estado, votando a reduzirem-se relativamente nos anos que se seguem. A partir de 2006 o índice torna-se inferior a unidade, mostrando que o estado perde vantagem relativa nas exportações de calçados.

Esses resultados revelam dinâmica que está, em parte, associada à mudança na pauta exportadora do Rio Grande do Sul, bem como está atrelada ao bom desempenho que vem mostrando os outros estados brasileiros na comercialização internacional do produto ao longo dos anos. Isso, portanto, é resultado do processo de reestruturação produtiva nacional da indústria calçadista que vem ocorrendo com maior aproximação dos grandes mercados europeus e americanos. Destarte, estados do Nordeste como Bahia, Paraíba e Ceará, sobretudo o último elevam sobremaneira suas participações na pauta de exportação do produto nos últimos anos.

No que se referem à competitividade revelada, os dados do gráfico 07 mostram haver dinâmica relativamente acentuada do produto. Com isso,

somente nos anos de 1998 e 1999, têm-se registros do índice inferior à unidade. Essas evidências revelam que há competitividade revelada do estado na comercialização de calçados. Ou seja, nas relações comerciais com o produto, o estado revela uma relação de maior capacidade exportadora do que importadora.

Gráfico 07: Índice de competitividade revelada do Rio Grande do Sul nas exportações de calçados – 1997-2012.



Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados do MDIC, 2013.

Mesmo com as variações cíclicas acentuadas do índice, infere-se, a partir dos dados plotados no gráfico 07, que, a performance do estado melhora, sobretudo, a partir de 2008, ano em que a crise econômica afetou os grandes mercados. No ano de 2010, tem-se elevado registro do índice, e, é em 2012, que se tem a maior incidência de competitividade revelada das exportações de calçados gaúcha.

Ante isso, mesmo que o estado tenha perdido participação ao longo dos anos, na fabricação e comercialização internacional de calçados, ainda há, conforme as evidências empíricas, vantagens relativas nas exportações do produto que já teve grande dimensão na econômica gaúcha ao longo dos anos. Isso se dar, sobretudo, pelo fato de a indústria calçadista do estado ter grande participação da produção destinada ao mercado interno, o que reduz acentuadamente as importações do produto.

7 Considerações finais

O processo de abertura econômica e valorização da moeda nacional, a partir de meados da década de 1990, foram acontecimentos decisivos ao processo de reestruturação da economia industrial brasileira, sobretudo em setores tradicionais. Esses episódios marcaram a configuração do parque industrial do país, meio a um forte movimento de ingresso de capitais produtivos e de produto final no território brasileiro. Esses condicionantes de transformações macroeconômicas no país foram efeitos das orientações neoliberais traduzidos nas ações dos mercados de produtos e serviço, dado pela redução e/ou extinção de barreiras protecionistas existentes durante décadas.

No que compete à indústria calçadista, as configurações nas estruturas produtivas, via inovações tecnológicas, foram elevadas. Porém, grande parte das ações do setor para ganhar competitividade no mercado internacional ocorreu via distribuição espacial de novas unidades produtivas em locais próximos aos mercados consumidores internacionais. O exemplo disso se constitui na migração de indústria calçadista para estados do Nordeste, sobretudo, Bahia, Sergipe, Paraíba e Ceará.

Isso foi confirmado pela redução relativa da receita com exportações de calçados do maior produtor nacional: Rio Grande do Sul. As exportações Gaúchas, que, em anos pretéritos somavam-se mais de 50,0% das receitas com exportações de calçados, reduziram-se para próximo de 10,0% em anos recentes. Isso se deu, sobretudo pelo fato de haver mais estados no Brasil, com elevada capacidade de produção e exportação de calçados para o mercado externo.

No que se refere às vantagens relativas de exportação de calçados, o estado do Rio Grande do Sul mostra redução acentuada do indicador ao longo dos anos analisados. Isso se deu por uma série de fatos já citados. A partir do ano de 2008 o índice torna-se inferior a unidade, o que revela perda de vantagem relativa nas exportações de calçados. Ou seja, desvantagem.

Já em relação à competitividade revelada, o indicador mostra que a produção para mercado interno da indústria calçadista Gaúcha é considerável, o que torna o estado pouco dependente de calçados importados. Nessa conjuntura, as exportações do produto são sobremaneira acentuadas, com baixa incidência de importações de calçados. Nessas relações comerciais, o estado do Rio Grande do Sul apresenta competitividade revelada ao longo dos anos e, no ano de 2012, o indicador atinge seu maior valor da série.

Com esses registros, é possível perceber a grande participação que tem a indústria calçadista brasileira no comércio internacional. Além disso, destacou-se a reestruturação da cadeia produtiva do setor, sobretudo a locacional, como forma de aproximação e redução de custos na concorrência externa. Isso permitiu a indústria de calçados do Brasil a manutenção e competitividade no seu mercado, mesmo diante da constante ameaça dos grandes produtores mundiais.

Referências

- Alves, E. A.; Braga Filho, H.. (2005). “Reestruturação produtiva na indústria calçadista francana: expressões da precarização do ambiente fabril”. *Simpósio Nacional de Engenharia de Produção – SIMPEP*.
- Alves, S. J.; Sousa, V. R. T.; Moutinho, G. M. L.; Cavalcanti Filho, B. M. F. P.. (2004). “Arranjos produtivos e inovativos locais de calçados: um estudo comparativo dos APILs de Franca/SP e Campina Grande/PB”. *XI Simpósio Nacional de Engenharia de Produção – SIMPEP*.
- Balassa, B..(1965). “Trade liberalization and revealed comparative advantage”. *The Manchester School of Economic and Social Studies*, nº 33.

- Baltar, P. E. de A.. (2003). “Estrutura econômica e emprego urbano na década de 1990”. In: *Trabalho, mercado e sociedade. O Brasil nos anos 90*. In: Proni, M. W. e Henrique, W. (org) – São Paulo: editora UNESP, Campinas, São Paulo: Instituto de Economia da UNICAMP.
- Bimbatti, M. L. “Como enfrentar o fenômeno China na produção de calçados: proposta de estratégia competitiva para a indústria calçadista brasileira”. (*Tese de Doutorado*) – Escola Politécnica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007, 190 p.
- Cardoso, E.. (2007). “A inflação no Brasil”. *PAEG e REAL: dois planos que mudaram a economia brasileira*. Moura, A. R. (org). – Rio de Janeiro: editora FGV, 2007.
- Cícero, E. C.. (2011). “A indústria de calçados de Birigui: origem, reestruturação produtiva e formação de uma economia de aglomeração”. (*Dissertação de Mestrado*) Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia.
- Cintra, M. A. M.. (2005). “Suave Fracasso – a política macroeconômica brasileira entre 1999 e 2005”. *Revista Novos Estudos*.
- Dedecca, C. S.. (2003). “Anos 90: a estabilidade com desigualdade”. *Trabalho, mercado e sociedade. O Brasil nos anos 90*. In: Proni, M. W. e Henrique, W. (org) – São Paulo: editora UNESP, Campinas, São Paulo: Instituto de Economia da UNICAMP.
- Diniz, C. C.; Basques, M. F. D.. (2004). *A Industrialização Nordestina recente e suas perspectivas* – Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil.
- Francischini, N. S. A.; Azevedo, F. P. (2003) “Estratégias das empresas do setor calçadista diante do novo ambiente competitivo: análise de três casos”. *Gestão & Produção*, v. 10, n. 3, p. 251-265.
- Francischini N. S. A.; Azevedo, F. P.. (2003). “Impactos do novo ambiente competitivo em empresas do setor calçadista”. In: *Encontro Nacional de Engenharia de Produção – ENEGEP*, 23., 2003, Ouro Preto. Anais... Ouro Preto: UFOP; ABEPRO.
- Godinho Filho, M; Fernandes, F. C. F.; Lima, A. D..(2009). “Pesquisa em Gestão da Produção na indústria de calçados: revisão, classificação e análise”. *Gestão da Produção*, São Carlos, v. 16, n. 2, p. 163-186.
- Guidolin, S. M.; Costa, A. C. R.; Rocha, E. R. P.. (2010). “Indústria calçadista e estratégias de fortalecimento da competitividade”. *BNDES, setorial calçados*, 31, p. 147, 184. In: http://bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Institucional/Publicacoes/Consulta_Expressa/Setor/Calcados/201003_04.html. Acesso em 30 de dezembro de 2010.
- Kon, A.; Coan, D. C.. (2004). “Transformações da Indústria Têxtil brasileira: A transição para a modernização”. *Revista Economia Mackenzie*. Ano, 3. nº 3. P. 11-34.
- Lages, G. M. A. (2003). “A relocação espacial da indústria de calçados de couro brasileira na década de 90: aspectos teóricos e empíricos”. (*Tese de Doutorado*) – Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Melo, M. O. B. C; Cavalcanti, G. A; Gonçalves, H. S; Duarte, S. T. V. G. (2007). “Inovações tecnológicas na cadeia produtiva têxtil: análise e estudo de caso em

- indústria no Nordeste do Brasil”. *Revista Produção* online, v. 7, nº 2.
- Navarro, Vera Lucia. (1998). “A produção de calçados de couro em Franca (SP): a reestruturação produtiva e os impactos sobre o trabalho”. (*Dissertação de mestrado*). Faculdade de Ciências e Letras da UNESP — Araraquara. Araraquara, SP.
- Queiroz, S. N. de; Costa Junior, M. P. N. da.. (2008). “Diferenças e Semelhanças entre os Empregados na Indústria Formal de Calçados no Ceará e no Rio Grande do Sul 1994/2004”. *XVI Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Populacionais – ABEP*.
- Remy, M. A. P. A.; Queiroz, S. N.; Silva Filho, L. A.. (2010). “Evolução Recente do Emprego Formal no Brasil – 2000-2008”. *XVII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Populacionais – ABEP*.
- Silva Filho, L. A.; Paiva, M. J. G. de.. (2008). “Considerações sobre as exportações de calçados do Ceará (de 2001 a 2007)”. *XII Encontro Latino-americano de Iniciação Científica*. Universidade do Vale do Paraíba.
- Silva Filho, L. A.; Queiroz, S. N.. (2011). “Industrialização e emprego formal: notas para o Nordeste, Bahia e Ceará – 1998/2008”. *Informe Gepec*, Toledo, v. 15, número especial, p. 254-278.
- Silvestrin, L. E.; Trinches, D.. (2008). “A análise do setor calçadista brasileiro e os reflexos das importações chinesas no período de 1994 a 2004”. *Econômica*, Rio de Janeiro, v 10, nº1, p. 145-170.
- Vollrath, T. L.. (1989). “Competitiveness and protection in world agriculture”. *Agriculture Information Bulletin*, nº 567, USDA.

